

O Bronze Final no Sul de Portugal

Um ponto de partida para o estudo do povoado do Outeiro do Circo

Miguel Serra
Eduardo Porfírio
Rafael Ortiz

Introdução

O povoado fortificado da Idade do Bronze do Outeiro do Circo, apesar de bastante citado na extensa bibliografia arqueológica portuguesa sobre a Proto-História do Sul de Portugal, nunca foi alvo de trabalhos sistemáticos de escavação, continuando a lançar dúvidas quer a nível cronológico, quer ao nível da sua topografia humana e ocupação do território. O local onde se situa o Outeiro do Circo não passou desapercebido aos olhos de diversos estudiosos que por aí passaram, não sendo alheio a esse interesse o sugestivo topónimo local de os “Muros”, como é identificado nas proximidades, que imediatamente o relaciona com edificações antigas. Os primeiros trabalhos rigorosos de sistematização efectuados sobre este local reportam-se às décadas de 70 e 80 do século passado (não descurando as referências anteriores de Abel Viana), através de Rui Parreira e António Monge Soares (Parreira, 1977; Parreira e Soares, 1981), sendo-lhe atribuída uma primeira interpretação cronológica e funcional e revelando materiais de prospecção enquadráveis no Bron-

ze Final, para além da definição de uma primeira planta do recinto muralhado.

Em 2001 no âmbito do PNTA, foi aprovado o projecto “A transição Bronze Final/I^a Idade do Ferro no Sul de Portugal. O caso do Outeiro do Circo”, da responsabilidade de um dos autores (Miguel Serra), que pretendia tornar-se no primeiro trabalho contínuo sobre o local.

Os novos dados que aqui se apresentam são resultantes das prospecções e estudo da fotografia aérea efectuados no primeiro ano de projecto, tendo sido impossível cumprir os objectivos mais alargados de escavação no terreno para os anos seguintes por falta de financiamento.

Localização da estação

O povoado do Outeiro do Circo situa-se entre as freguesias de Mombeja e Beringel, no concelho e distrito de Beja com

as seguintes coordenadas geodésicas da carta militar portuguesa número 520: Latitude N: 38° 02' 20" Longitude W: 8° 00' 30"

Enquadra-se numa crista de cabeços nitidamente destacados na planície em redor, apesar da sua baixa altitude, centrada entre os 276m e os 250m.

Alonga-se em duas plataformas, sendo a inferior mais plana e larga e a superior mais estreita e pronunciada.

As suas encostas, apesar de extensas são de fácil acesso, não se vislumbrando relevos ou afloramentos que dificultem a subida, à semelhança do que acontece no interior do recinto

Descrição do sítio

Estamos perante um importante povoado central onde se reconhecem vestígios proto-históricos, mas também medievais e modernos, rodeado por um duplo recinto muralhado.

As faces da muralha só são observáveis com uma limpeza do mato que a cobre ou através de escavação. Estes vestígios atingem em média uma espessura de 4 a 5m.

O seu nível defensivo integra a muralha com todas as suas características e componentes. Será de supor a existência de palicadas de madeira e muros de adobe, que no entanto o registo arqueológico não preservou, ou que ainda não foram detectados devido à insuficiência de estudos.

O aparelho é em geral composto por lages de xisto e quartzo, em pedra seca, possivelmente com cunhas que lhe conferiam maior solidez.

O sistema de amuralhamento é artificial, ou seja, refere-se a um cerro murado com escasso apoio do terreno em que as obras defensivas não jogam um papel fundamental.

A sua muralha com dois recintos é integrada num tipo em que geralmente o lanço maior se expande desde o lanço menor que possivelmente serviria de acrópole (Berrocal, 1993). O espaço interior do povoado é sem dúvida o menos conhecido, apesar da grande quantidade de materiais visíveis à superfície, devido ao facto de ser uma área constantemente alvo de trabalhos agrícolas, o que pode implicar um mau estado de conservação e destruição das estruturas internas do povoado.

A região de implantação do Outeiro do Circo foi bastante privilegiada nesta época, já que a fertilidade do solo e a proximidade de jazidas de minério (Mina da Juliana) devem ter funcionado como atrativos factores de fixação. Isto parece ser tanto mais correcto, quando se verifica a intensidade de povoamento da região, documentada por vários vestígios da Idade do Bronze espalhados por Beringel, Santa Vitória e Evidel, maioritariamente compostos por achados funerários (Parreira, 1977:36), pois os habitats parecem rarear, o que talvez não seja de estranhar, visto que um centro aglutinador como o Outeiro do Circo teria um vasto controlo territorial, colocando sobre a sua dependência uma série de pequenos povoados e casais agrícolas, que constituiriam o resstante povoamento desta região, os quais são mais difíceis

de detectar no terreno, dado o carácter perecível das suas construções (Parreira, 1998).

Principais resultados

A muralha

Os resultados dos trabalhos de prospecção e foto interpretação aérea, pretendem antes de mais corrigir algumas lacunas das plantas anteriormente apresentadas (Parreira, 1977 e Parreira e Soares, 1981) bem como identificar novos elementos só agora apreciados.

Deve-se acrescentar que em relação ao espólio cerâmico recolhido, este apenas vem confirmar as referências e cronologias de outros autores.

A primeira situação a saltar claramente à vista reporta-se à provável existência de uma dupla cintura de muralha em todo o contorno do povoado e não apenas no troço de 300m antes enumerado (Parreira, 1977:33; Parreira e Soares, 1981:118), bem como da identificação daquela que deveria ser a principal entrada no recinto ladeada por dois bastões semicirculares.

Infelizmente esta zona sofreu bastantes danos devido à prática agrícola mecanizada, não subsistindo vestígios claros no terreno.

Há que referir a importância da ocorrência de inúmeros blocos de barro cozido ao longo da muralha exterior, podendo tratar-se de restos de uma possível muralha em adobe que se sobrelevaria à base pétreia mais larga.

No exterior da plataforma Nordeste identificam-se estruturas únicas e de função indeterminada. São uma série de muros em pedra com cerca de 4 a 5 metros de largura, com comprimentos variáveis entre os quatro identificados, desenvolvendo-se de modo perpendicular à muralha ao longo da encosta.

Praticamente toda a muralha conserva ainda alguma altura, sobretudo na linha Noroeste, onde apresenta cerca de 2 metros de altura, sendo o extremo Nordeste o que apresenta o troço mais arrasado, com as pedras que constituíam o aparelho a estarem apenas à altura do solo.

A possível entrada a Noroeste (Parreira, 1977:33; Parreira e Soares, 1981:118), deve ser resultado de uma destruição recente para permitir o acesso à zona interior de máquinas agrícolas, tal como outra localizada no troço Sudeste.

O espaço interno

A zona interior do recinto muralhado não apresenta vestígios claros de construções, havendo um uso actual do solo para práticas agrícolas mecanizadas que poderão em muito contribuir para esta quase ausência de vestígios.

Destacamos no interior as duas construções em pedra ainda observáveis, que parecem funcionar como divisões funcionais do espaço, sem no entanto as podermos relacionar di-

rectamente com a ocupação do povoado.

O longo muro divisório situado na zona alta da estação, equidistante das linhas de muralha a Noroeste e a Sudeste, parece ser apenas uma divisão de propriedades.

Já em relação à divisão na plataforma Nordeste, parece ser uma continuação natural da muralha, partindo desta para o interior do povoado, encontrando-se destruída a partir de certa altura, não se observando no terreno a sua ligação com o lanço de muralha situado a Sudeste.

Se esta divisão for realmente contemporânea do povoado, coloca-se a questão da divisão funcional do espaço, podendo ocorrer uma situação de ocupações com características distintas entre as duas áreas, como já foi pressuposto para outros povoados, onde se distingue uma área baixa, que se supõe servir para estabulação de gado, e uma zona alta melhor defendida onde se concentrariam as estruturas habitacionais.

Outro dado sobre o espaço interno reporta-se à descoberta de um afloramento na zona central, onde se observam várias “covinhas”, o que não é algo de muito raro em sítios da Idade do Bronze.

Bibliografia

- Berrocal – Rangel (1993), Los pueblos celticos del Suroeste de la Peninsula Iberica, in *Complutum* – extra 2
 Parreira e Soares (1981), Zu Einigen Bronzezeitlichen Hofsiedlungen in Sud Portugal, in *MN*, 21
 Parreira, R. (1977), O povoado da Idade do Bronze do Outeiro do Circo (Beringel/Beja), in *Arquivo de Beja*, 28 – 32
 Parreira, R. (1998), As arquitecturas como factor de construção da paisagem do Alentejo Interior, in *Existe uma Idade do Bronze Atlântico*, TA, 10, IPA, Lisboa

Ficha técnica:

Autoria: Miguel Serra, Eduardo Porfírio e Rafael Ortiz
 Grafismo: Nuno Ramalho
 miguelserra@portugalmail.pt

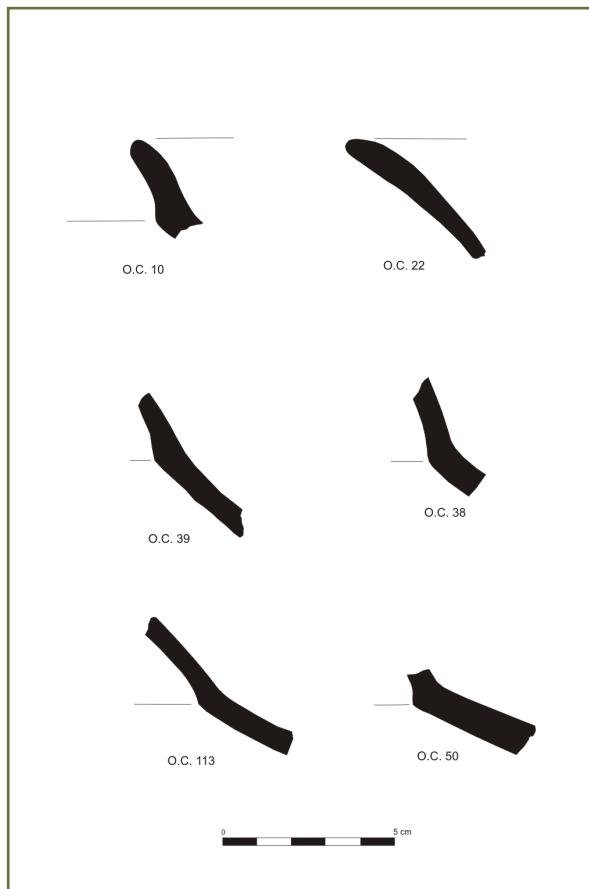


Figura 1 - Taças carenadas

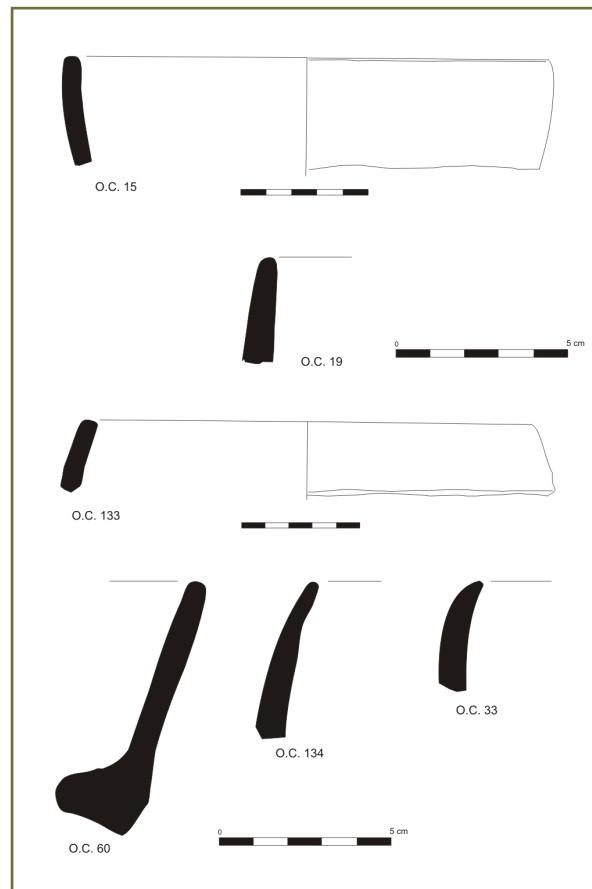


Figura 1 - Potes

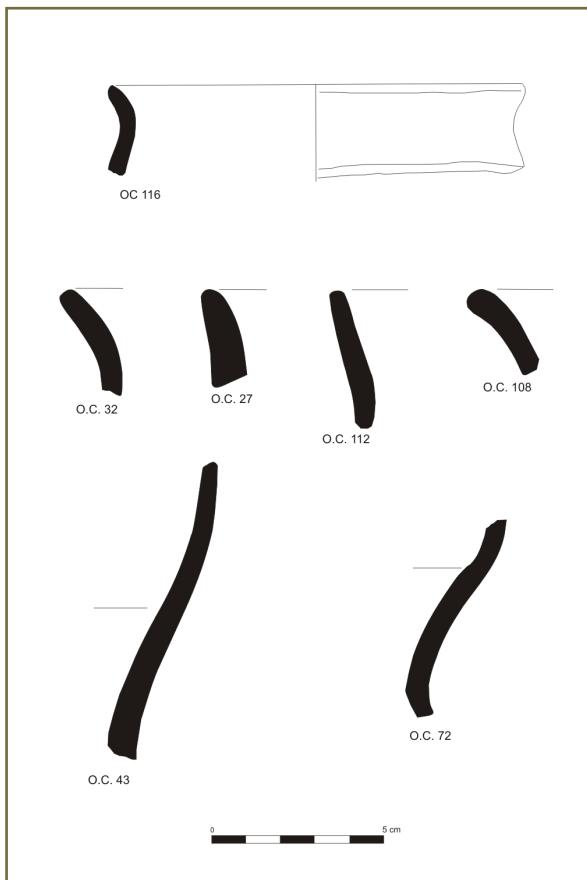


Figura 3 - Potes

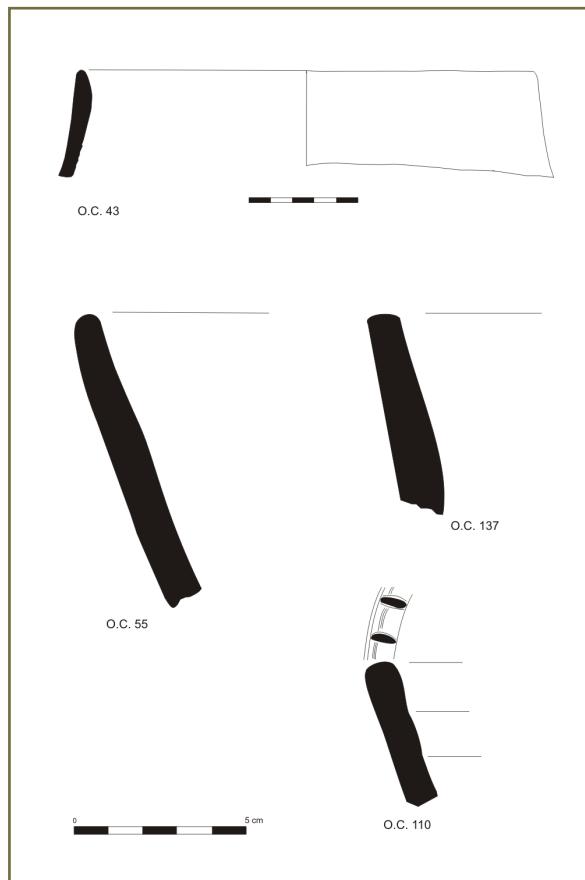


Figura 4 - Grandes recipientes



Foto 1 - Vista geral do outeiro do circo



Foto 2 - Zona SE. Dupla linha de muralha



Foto 3 - Zona NE. Dupla linha de muralha



Foto 4 - Fragmentos de barro cozido



Foto 5 - Rocha com covinhas



Foto 6 - Zona SW. linha exterior de muralha.

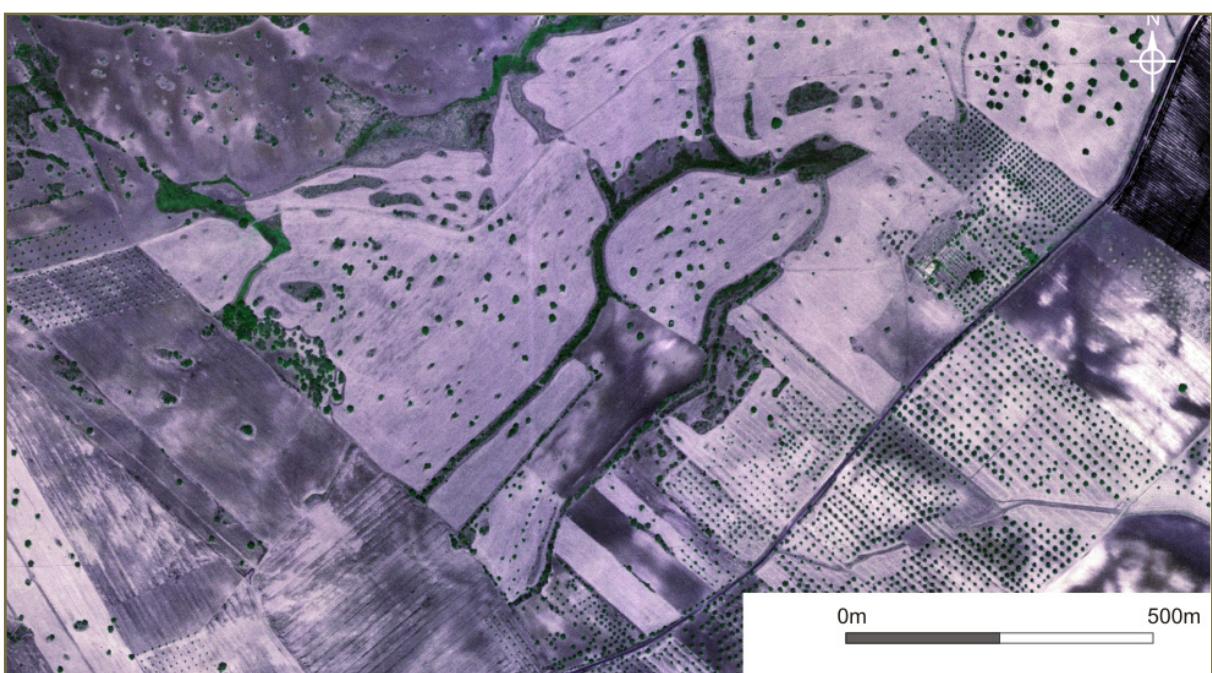


Foto 7 – Fotografia aérea do Outeiro do Circo

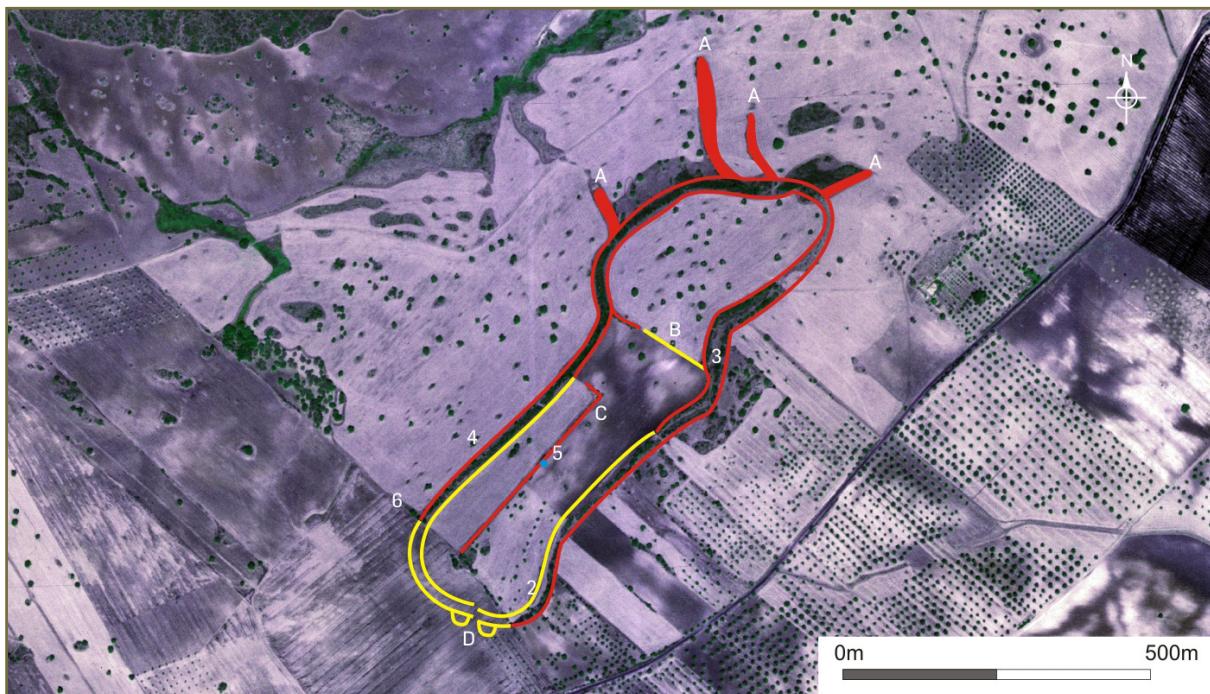


Foto 8 – Fotografia aérea do Outeiro do Circo.

A vermelho: construções visíveis no terreno. A amarelo: construções não visíveis no terreno. A: estruturas pétreas de função indeterminada. B: possível muro divisorio do povoado. C: muro de divisão de propriedades. D: possível entrada principal e bastiões da muralha. 2 a 6: localização das fotos.

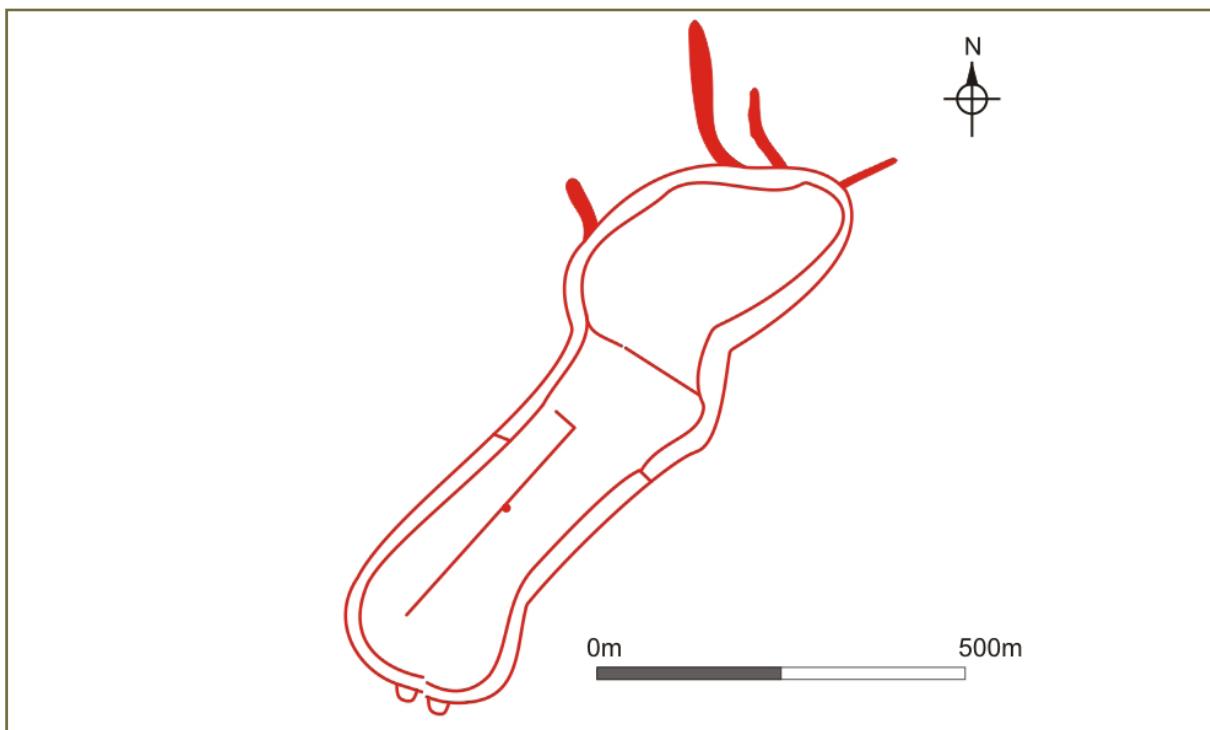


Figura 5 – Planta do Outeiro do Circo a partir da fotografia aérea